

Processos de socialização e formação das juventudes na ambiência escolar por via do esporte¹

Julio Cesar da Silva CARDOSO²
Renan Santos FURTADO³

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo compreender os processos de socialização e formação das juventudes por via do esporte na escola pública contemporânea. Metodologicamente, caracteriza-se como um estudo de abordagem qualitativa da ciência, que se utilizou de uma aproximação etnográfica, bem como da técnica da análise de conteúdo. Tratando-se da discussão, pode-se sinalizar que, no contexto estudado, a professora tematiza o esporte nas aulas curriculares de maneira crítica, todavia reconhece que a centralidade do conteúdo é alocada na competição pelos estudantes. A respeito dos estudantes, é indubitável que o esporte os coloca mais próximos de uma relação tensão-excitação em relação aos demais conteúdos, tornando-se problemático no cenário dos jogos internos. Tal contexto os condiciona ao que denominamos de *ethos* competitivo condicional.

PALAVRAS-CHAVE: Aulas curriculares. Educação Física. Estudantes. Jogos Internos. Prática pedagógica.

¹ Aproveitamos para agradecer à Universidade Federal do Pará pelo apoio institucional oferecido para a realização deste estudo por via da concessão de uma bolsa de Iniciação Científica.

² Graduando em Licenciatura em Educação Física pela Universidade Federal do Pará. Membro do Centro Avançando de Estudos em Educação e Educação Física (CAÊ-UFPA). ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-9692-2192>.
E-mail: julio.cardoso@iced.ufpa.br

³ Doutor em Educação pela Universidade Federal do Pará. Professor da Escola de Aplicação e do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Pará. Vice-Líder do Centro Avançando de Estudos em Educação e Educação Física (CAÊ-UFPA). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7871-2030>.
E-mail: renan.furtado@yahoo.com.br

Socialization and development processes of young people in the school environment through sport

Julio Cesar da Silva CARDOSO
Renan Santos FURTADO

ABSTRACT

This study aims to understand the processes of socialization and formation of young people through sport in contemporary public schools. Methodologically, it is characterized as a qualitative scientific study, which used an ethnographic approach, as well as the technique of content analysis. Regarding the discussion, it can be noted that, in the studied context, the teacher addresses sport in curricular classes in a critical manner; however, she recognizes that the centrality of the content is placed on competition by the students. Concerning the students, it is undeniable that sport brings them closer to a tension-excitement relationship in relation to other content, becoming problematic in the context of internal games. This context conditions them to what we call a conditional competitive *ethos*.

KEYWORDS: Curriculum classes. Physical Education. Students. Internal Games. Pedagogical practice.

Procesos de socialización y formación de jóvenes en el ámbito escolar a través del deporte

*Julio Cesar da Silva CARDOSO
Renan Santos FURTADO*

RESUMEN

Este estudio tuvo como objetivo comprender los procesos de socialización y formación de jóvenes a través del deporte en escuelas públicas contemporáneas. Metodológicamente, se caracteriza por ser un estudio con un enfoque cualitativo de la ciencia, que empleó un enfoque etnográfico y la técnica del análisis de contenido. En cuanto a la discusión, cabe señalar que, en el contexto estudiado, el docente aborda críticamente el deporte en las clases curriculares, pero reconoce que el alumnado asigna centralidad al contenido competitivo. En cuanto al alumnado, es innegable que el deporte los acerca a una relación de tensión-emoción con respecto a otros contenidos, lo que se vuelve problemático en el escenario de los juegos internos. Este contexto los condiciona a lo que denominamos un ethos competitivo condicional.

PALABRAS CLAVE: Clases curriculares. Educación Física. Estudiantes. Juegos Internos. Práctica pedagógica.

Introdução

Este estudo tem como foco apresentar os resultados da pesquisa realizada ao longo da pesquisa de iniciação científica intitulada “Processos de socialização e formação das juventudes na ambiência escolar por via do esporte”. A questão sobre a qual se debruça é a de compreender os processos de socialização e formação das juventudes por via do esporte na escola pública contemporânea. Para iniciarmos a discussão, é salutar sinalizarmos brevemente a diferenciação entre brincadeira, jogo e esporte; a tese da continuidade e ruptura do esporte; a gênese do esporte nas *Public Schools* na Inglaterra; a difusão do esporte mundialmente e, conseqüentemente, para o Brasil; a relação do esporte e a instituição escolar; e as tendências que influenciaram o modo de se compreender o esporte no interior das escolas brasileiras.

De início, é necessário fazer uma delimitação de um dos objetos centrais do estudo, isto é, o esporte. Afinal, qual a distinção entre brincadeira, jogo e esporte? Pode-se dizer que a diferenciação presente reside no grau de seriedade dessas práticas, nas regras que as regulamentam e no nível de ludicidade e espontaneidade, conforme apontado por Helal (1990), Furtado e Borges (2019), Cardoso e Furtado (2023) e Furtado (2025). Para elucidar melhor essa conceituação, as três categorias serão expostas a seguir.

Com base na literatura citada, é possível dizer que a brincadeira diz respeito à atividade que possui íntima relação com o lúdico; logo, localiza-se mais próxima do universo da espontaneidade. O jogo consiste em um meio-termo entre a brincadeira e o esporte, apresentando determinado grau de espontaneidade, marcado pela introdução de algumas delimitações de como e quando fazer, além de se situar no universo do lúdico, ao menos em algum grau. Já o esporte se encontra no polo oposto da brincadeira, sendo, assim, pouco lúdico e espontâneo, delimitado por normas, regulamentações e regras mais bem definidas.

Dando continuidade à conceituação do esporte, até então, existe uma questão em voga: trata-se de sua compreensão como manifestação presente em todas as épocas históricas ou como fenômeno que se construiu em determinado lugar. Essas formulações são compreendidas, respectivamente, como teses da continuidade e ruptura (Stigger, 2011). Nessa conjuntura, partiremos da premissa de que a tese da ruptura se configure como a mais adequada, visto que, como características centrais e fundantes do esporte nessa concepção, identificamos a racionalização e a secularização, aspectos em evidência no seio da sociedade que a originou, a qual se encontrava em transição para o período de revolução industrial (Helal, 1990; Furtado, 2025). Por consequência, o esporte, como se conhece, surgiu justamente no meio dessas transformações pelas quais a sociedade passava, e é exatamente no

interior das *public schools* da Inglaterra, ao longo dos séculos XIX e XX, que esse acontecimento se sucedeu (Bracht, 2005; Bourdieu, 1983a, 2004).

O surgimento do esporte no contexto da Inglaterra transcorreu paralelamente a uma gradativa mudança societária que vinha ocorrendo nesse local. As atividades de divertimento praticadas pelos mais diversos segmentos sociais, como o proletariado, a burguesia e a aristocracia, denominavam-se passatempos e constituíam-se, em grande parte, pela falta de regulamentação e excesso de violência física (Elias, 1992). Tais condutas já estavam deixando de ser condizentes com as novas exigências de uma sociedade que passava por um processo de industrialização, politização e aumento da “civildade”, isto é, por uma complexa e gradual mudança civilizatória nos padrões de comportamentos (Elias, 2008).

Em virtude disso, os passatempos se tornaram, aos poucos, alvo de repressão das autoridades regulamentadoras dessa sociedade, acontecimento que forçou essas atividades a passarem por uma transformação em sua estrutura. Posto isso, introduziram-se no interior das *public schools* para atenuar o excesso de violência presente nessas instituições, bem como amenizar as diferenças que existiam entre professores e estudantes, em decorrência do pertencimento a distintos grupos sociais. Em virtude de esses locais serem destinados a filhos de aristocratas e burgueses, os professores, em sua grande parte, compunham uma parcela mais desafortunada da sociedade (Dunning, 2011).

No intuito de formar sujeitos capacitados a assumirem papéis e cargos de liderança na sociedade, o esporte passou a ser compreendido como uma ferramenta fundamental. Logo, a prática primeiramente vivenciada no interior das *public schools* passa a assumir gradativamente mais normas e regulamentações, restringindo cada vez mais atos excessivamente violentos, sendo esse processo denominado esportivização (Elias, 1992)⁴. O gradual crescimento dessa prática passa a atingir os mais diversos países, chegando ao Brasil no início do século XX (Helal, 1990).

No final do século XIX, o futebol chega ao Brasil por intermédio de Charles Miller, um paulista filho de ingleses (Helal, 1990). O episódio, ao que tudo indica, deve ter ocorrido com outros esportes nas décadas que se seguiram. Sendo assim, é difícil apontar com exatidão em que momento ocorreu a introdução do esporte no contexto escolar. Alguns estudos, como o de Bracht (2019), sinalizam que tal movimento deve ter se dado em torno da década de 1920, tomando gradativamente o espaço que era ocupado pela ginástica, legitimada pelos sistemas ginásticos, amplamente difundidos no século XIX e XX.

⁴ Para uma leitura contemporânea da noção de esportivização elaborada com base na sociologia configuracional de Norbert Elias, consultar Furtado (2025).

Processos de socialização e formação das juventudes na ambiência escolar por via do esporte

Nas décadas seguintes, em especial nos anos de 1960 e 1970, o esporte passa a ocupar um local de privilégio no interior das instituições escolares, tornando-se conteúdo quase que hegemônico das aulas de Educação Física e, por vezes, fazendo-se sinônimo da Educação Física Escolar (Bracht, 2019). Desse modo, criou-se o modelo ideal, mas que serviria de base para melhor compreender como vinha sendo desenvolvida a Educação Física no ambiente escolar. Conforme Bracht (1997), existiam dois modelos ideais, a dizer: as práticas autônomas e heterônomas, sendo o primeiro caracterizado por atribuir todo o valor pedagógico da Educação Física às próprias práticas, ou seja, à prática pela prática, acentuando-se a dimensão lúdica do humano. O segundo modelo compreendia que haveria elementos para além apenas da prática, ou seja, algo para além somente do fazer, suas repercussões sociais, tendo como referência fundamental o mundo do trabalho, em outras palavras, suas funções sérias ou produtivas (Bracht, 1997).

O período de 1980 até meados dos anos 2000 foi marcado por um momento de grande agitação no cenário nacional da Educação Física, baseado no sentimento de que deveria haver mudança, semelhante ao que se verifica nos escritos de Bracht (1997). Vários professores e grupos já vinham formulando novas perspectivas para lidar com uma transformação necessária da Educação Física realizada no interior das escolas, representada, em certa medida, pelos modelos supramencionados. O período em questão ficou conhecido como Movimento Renovador da Educação Física.

Assim, a reflexão aqui proposta é baseada em um quadro teórico composto de professores e estudiosos tanto da Educação Física quanto da Sociologia do Esporte, que, nesta ocasião, organizamos em três eixos, a saber: i. Sociologia do esporte: Bourdieu (1983a, 1983b, 2004), Dunning (1992a, 1992b, 2011) e Elias (1992); ii. Educação Física escolar e esporte: Kunz (1994), Soares *et al.* (1992), Bracht (1997, 2004, 2019) e Stigger (2011); iii. Juventudes: Bourdieu (2003) e Dayrell (2003).

Em termos de objetivos, este estudo visa compreender os processos de socialização e formação das juventudes por via do esporte na escola pública contemporânea. Do ponto de vista específico, pretendemos: 1) interpretar a recepção e construção social do esporte em dinâmicas juvenis na escola pública; 2) analisar o trato pedagógico e a recepção de conhecimentos sobre o esporte em aulas de Educação Física com estudantes do 9º ano do ensino fundamental de uma escola pública de Belém (PA). A respeito da composição estrutural, após a apresentação dos seus objetivos, este trabalho seguirá para a explicação do caminho metodológico e, em seguida, fará a exposição e discussão dos dados. Por último, serão feitas as considerações finais.

Metodologia

O estudo está situado na esfera qualitativa, por se empenhar em responder questões particulares de uma determinada realidade, ou seja, a preocupação da pesquisa está em decodificar o universo de motivos, significados, aspirações, atitudes e valores desse espaço (Minayo, 2009). O trabalho de campo se vale de uma aproximação com o método etnográfico, por visar compreender os processos diários e os modos de vida de um determinado grupo social ou indivíduo, por meio de instrumentos como a observação (Severino, 2016).

O *lócus* da etapa de investigação de aproximação etnográfica foi a Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará (EA-UFPA), já que essa instituição visa possibilitar a todos os estudantes uma experiência esportiva diversificada, seja ao longo das aulas curriculares de Educação Física, em eventos esportivos como os jogos internos, ou mediante projetos de extensão⁵. Nosso público foi composto das turmas do 9º ano do ensino fundamental, por estarem em processo de transição para a última etapa do ensino básico, marcado por um período de elevada tensão pela crescente exigência e pré-adaptação a uma lógica diferente da que vem sendo vivenciada por esses estudantes. Fizemos uso dos seguintes instrumentos de coleta e produção de dados: observação das aulas curriculares de Educação Física e dos jogos internos; entrevista semiestruturada com Ana⁶, a professora das turmas citadas.

Desse modo, inicialmente realizamos o estudo da literatura que dialogasse com o objetivo proposto pela pesquisa, contemplado por três eixos temáticos. Após a finalização do primeiro e segundo eixo, efetuamos as idas ao campo, que aconteceram dialeticamente com a realização do terceiro eixo temático. Nesse sentido, a bibliografia que utilizamos é integrante de algum dos três eixos elencados para este estudo, os quais são: 1) Sociologia do Esporte e Corpo; 2) Esporte e Educação Física escolar; 3) Juventudes, formação e socialização por via do esporte.

As idas à escola se resumiam a estar presente em um dia ao longo da semana. Nesse dia, acompanhamos turmas de maior e menor desempenho escolar, respectivamente. Essa característica da pesquisa foi um dos parâmetros adotados para observarmos se havia alguma correlação entre rendimento escolar e recepção do conteúdo esporte⁷. As observações foram efetuadas no período de

⁵ A Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará (EA-UFPA) possui dois projetos esportivos de extensão, sendo eles de futsal e voleibol.

⁶ Utilizaremos o pseudônimo Ana para identificar a professora das turmas no intuito de respeitarmos a privacidade e o anonimato da docente em questão.

⁷ Compreendemos que uma análise de causas e efeitos fundamentada unicamente nesse aspecto é demasiadamente reducionista, por contemplar apenas uma parcela da complexidade da realidade estudantil. No entanto, tivemos o intuito de verificar se de fato haveria alguma correlação. Além disso, ambas as turmas tinham aula no mesmo dia, o que contribuiu para adotarmos esse parâmetro.

Processos de socialização e formação das juventudes na ambiência escolar por via do esporte 24/10/23 até 28/11/23. O intervalo em questão contemplou a observação de cinco aulas curriculares, com dois instrumentos avaliativos, que se deram no decorrer das aulas. Além disso, estivemos presentes em dois dias dos jogos internos⁸ da escola, realizados entre 12/12/23 e 14/12/23, após duas semanas do final das aulas curriculares.

Para analisarmos os dados coletados, foi necessário sintetizarmos as anotações, observações e entrevistas empreendidas ao longo do período de aproximação etnográfica, objetivando a construção de uma interpretação analítica dessa realidade. Para chegarmos às categorias dos estudantes, foram utilizadas as anotações realizadas ao longo de todas as 5 aulas observadas e dos jogos internos da escola. A entrevista com Ana se deu entre o final das aulas curriculares e o começo dos jogos internos. Os eixos elencados para a entrevista foram os seguintes: 1) identificação do sujeito e informações preliminares; 2) Esporte como conteúdo da Educação Física Escolar; 3) socialização, juventude e competição.

No que diz respeito à técnica de análise de dados utilizada para todas as fontes que fizemos uso, foi aplicada a análise de conteúdo conforme os preceitos de Bardin (2016). Dessa maneira, começamos a partir da pré-análise, momento em que transcorreu o monitoramento das aulas curriculares, entrevista com a professora e realização dos dias de jogos internos. Posteriormente, na fase denominada de exploração do material, iniciamos a decodificação dos dados brutos, provenientes das observações e entrevista com a professora, e a categorização desses dados. Na conclusão, foi a ocasião de organização das interpretações em sínteses teóricas e a exposição sistemática dos dados tratados provenientes do trabalho de campo.

Nesse sentido, chegamos às categorias que expressam o resultado dos instrumentos de produção de dados, que separamos para dois sujeitos distintos, os estudantes e a professora. As categorias elencadas para os estudantes foram: interação das juventudes; excitação esportiva. As categorias elaboradas para Ana foram: conhecimento e construção didática; juventudes.

Resultados

O conteúdo esporte tem sido um tema complexo e singular no campo pedagógico da Educação Física brasileira desde meados do século XX (Furtado, 2025). Chegou a ser difícil realizar a distinção entre Educação Física e Esporte nas décadas de 1970 e 1980. No âmbito do senso comum e no interior das crenças de vários profissionais desse período, a Educação Física estava submissa às normas do

⁸ Fato que se deu pela dinâmica dos jogos internos, que realizam diversas modalidades e práticas corporais simultaneamente, portanto, foi necessário optarmos por acompanhar apenas duas atividades, o futsal e o *lâmb* (Luta tradicional senegalesa).

alto rendimento (Bracht, 2019), até mesmo podendo ser facilmente confundida com a prática esportiva (Fensterseifer; González, 2007). A escola possuía posição dominante sobre o esporte ou era o esporte que praticava essa dominância sobre a escola? Era evidente que os códigos e normas esportivas detinham incomparável legitimidade nesse espaço e na sociedade. Esse processo ficou conhecido como esportivização da Educação Física escolar (Fensterseifer; González, 2007). De acordo com Furtado (2025), devemos compreender a esportivização da Educação Física escolar como um acontecimento que descreve a hegemonia do esporte não apenas como conteúdo das aulas de Educação Física, mas também como uma racionalidade produtora de sentidos didáticos e valorativos, capaz de legitimar o ato da comparação objetiva de desempenho como o modo mais adequado de ensinar e avaliar os processos de aprendizagem.

Estudos como os de Kunz (1994) e Bracht (2019) sugerem que de fato ocorriam algumas das seguintes situações: divisão das turmas conforme os gêneros, exclusão dos menos aptos, supervalorização das habilidades técnicas, além de sobrepujança e comparações objetivas de resultados. Entretanto, nem sempre se manifestavam de maneira extremamente exacerbada, ou na perspectiva unicamente de se formarem atletas profissionais, também havia aulas com pouca sistematização, sentido e objetivo pedagógico que geralmente tematizavam o esporte. Isso gerava demasiada falta de autonomia e legitimidade no campo da Educação Física. Essa incerteza e imprecisão do que de fato era a Educação Física ocasionou um cenário de crise percebida pelos mais diversos sujeitos do campo, tais como Medina (1983) e Marinho (1983), que foram pioneiros ao apontarem que a Educação Física deveria entrar em crise.

Nessa conjuntura, alguns estudiosos passaram a buscar subsídios em outros campos de conhecimento, sobretudo na sociologia, antropologia, filosofia e educação. Tal acontecimento explica a grande aproximação dos professores de Educação Física das pós-graduações em Educação, em decorrência da ausência de uma orientação crítica nas pós-graduações em Educação Física, que tinham mais contato com referências biofisiológicas (Daolio, 1998). Dessa maneira, os sujeitos envolvidos nessa trama se dividiram entre aqueles que tinham referências mais próximas das ciências humanas e se denominavam progressistas e os que possuíam seus referenciais de cunho biofisiológico, chamados de conservadores.

Era esperado que tal embate deixasse marcas profundas nesse campo de disputa. Assim, houve uma polarização da Educação Física escolar, demarcada por meio dos que tematizavam o esporte a partir dos valores da sua tradição e aqueles que faziam a sua crítica. Essa divisão transcorreu de maneira arbitrária. Alguns somente viam um real valor na Educação Física se ela conseguisse ser

Processos de socialização e formação das juventudes na ambiência escolar por via do esporte científica, logo, mensurada, medida e quantificada; outros não reconheciam o seu sentido se ela não tratasse de questões socioculturais maiores, presentes no contexto da sociedade (Daolio, 1998).

É preciso reconhecer que essa cisão no campo teve seus frutos percebidos ao longo das décadas de 1980 e 1990, assim como nos anos que se seguiram, pois os professores passaram a formar outros professores na área. Houve, assim, uma disseminação das correntes nas quais os primeiros acreditavam. No entanto, é evidente que, ao longo da carreira, esses educadores entram em contato com outros saberes, o que provoca transformações significativas em suas práticas. Ainda assim, uma questão importante perdura: o medo do julgamento por tematizar o esporte em suas aulas.

O relato no estudo de Machado e Bracht (2016) é a prova desse acontecimento: “As duas coisas que eu fiz a minha vida inteira, fui professora de EF e, paralelamente, técnica esportiva... eu construí a minha vida com isso... Você entende? Isso tudo foi bom para mim!”. A fala em questão remete ao desabafo de uma professora ao ingressar em uma especialização de orientação progressista, de base crítica ao esporte e à Educação Física tradicional. Em virtude de todas as nuances, das problemáticas e embates transcorridos nesse cenário, passou a ser necessário, talvez até indispensável, encontrar maneiras renovadas de tematizar os objetos da Educação Física, especialmente o esporte.

Nesse momento, iremos descrever as duas categorias elencadas à Ana, sendo a primeira: “Conhecimento e construção didática”, dado que Ana possui a sua atuação docente baseada em seus constantes estudos e na reconstrução crítica dos documentos normativos que norteiam a educação básica, assim como na transposição de problemas dos mais diversos contextos globais e locais, objetivando uma reflexão crítica dessas questões. A segunda categoria foi intitulada “juventudes”, tratando-se de um tópico bastante enfatizado por Ana em sua entrevista, pois a professora acredita que as juventudes são fortemente influenciadas por fatores externos à escola, como: meios de comunicação, globalização, modas e tendências emergentes. Surge no sentido de compreender os estudantes, que são os sujeitos centrais no interior de uma escola. Assim, para esse sujeito do estudo, estruturou-se o seguinte quadro:

Quadro 1 – Perfil da Professora entrevistada.

SUJEITO	FORMAÇÃO INICIAL	INSTITUIÇÃO FORMADORA	ANO DE CONCLUSÃO	PÓS-GRADUAÇÃO	CATEGORIAS
Professora Ana.	Licenciatura plena em Educação Física.	Universidade Federal do Pará (UFPA).	2011	Especialista em gestão pela Esamaz. Mestre em Currículo e Gestão na Educação Básica.	Conhecimento e construção didática; Juventudes.

Fonte: Elaboração dos autores (2025).

Para os estudantes, também foram construídas duas categorias, sendo a primeira intitulada “Interação das juventudes”, que se manifesta de forma latente durante a vivência do conteúdo esporte nas aulas de Educação Física. Por vezes, essa interação exclui os menos habilidosos e exalta os considerados mais aptos – ou até mesmo o oposto pode ocorrer. Essa trama de relações é bem mais complexa, visto que, no interior das motivações que influenciam as interações entre esses sujeitos, opera uma lógica de grupos sociais. Logo, temos configurações e normas bastante particulares que regem os diversos coletivos (Bourdieu, 2003; Elias, 2008).

Quanto à segunda categoria atribuída aos estudantes, foi denominada “Excitação esportiva”. Ela apresenta caráter central ao se tratar de esporte, em consonância com os dizeres de Elias e Dunning (1992), que defendem a tensão-excitação como característica fundante desse fenômeno. Dessa maneira, justifica-se pelo fato de o esporte ser categorizado como fato social por Helal (1990). Enquanto havia um aumento da tensão-excitação, em decorrência da tematização de esportes midiáticos, os estudantes apresentavam seus comportamentos mais intensificados e complexificados⁹. Esse fato se verificava tanto no decorrer das aulas curriculares como nos jogos internos. Para esse sujeito do estudo, estruturou-se o quadro a seguir:

⁹ A questão da complexidade comportamental será mais bem discutida posteriormente, mas, de antemão, relaciona-se em grande medida com a não homogeneidade das reações observadas nos estudantes, já que ora eram negativas, ora positivas.

Processos de socialização e formação das juventudes na ambiência escolar por via do esporte

Quadro 2 – Perfil dos Estudantes observados.

SUJEITO	FORMAÇÃO NO PERÍODO DA PESQUISA	INSTITUIÇÃO ESCOLAR	CATEGORIAS
Estudantes A ¹⁰	9º ano do ensino fundamental (EA-UFPA)	Escola de aplicação da Universidade Federal do Pará	Interação das juventudes; Excitação esportiva.
Estudantes B	9º ano do ensino fundamental (EA-UFPA)	Escola de aplicação da Universidade Federal do Pará	Interação das juventudes; Excitação esportiva.

Fonte: Elaboração dos autores (2025).

A discussão será realizada por meio das categorias elencadas para os sujeitos dos estudos. Todavia, no decorrer da investigação, verificamos que haviam questões que mereciam o título de subcategorias e poderiam balizar a discussão deste trabalho, são elas: “Esporte como componente curricular” e “Esporte, competição e jogos internos”. Desse modo, a primeira subcategoria será tratada dialeticamente com a primeira categoria, e a segunda subcategoria será discutida em diálogo com a segunda categoria.

Conhecimento, construção didática e Juventudes

Ana tem sua atuação docente baseada em seus estudos e na Base Nacional Curricular Comum (BNCC), porém realiza uma leitura e reconstrução crítica desse documento normativo. Ana se vê na condição de buscar no documento fissuras que a permitam conduzir as aulas, de maneira a atender o que compreende serem aspectos fundamentais na formação crítica dos estudantes. Para isso, realiza estudos no âmbito da Educação Física, que versem especialmente com o produzido na Cultura Corporal de Movimento¹¹, no sentido de ter instrumentos e arcabouços necessários para realizar as transposições adequadas das problemáticas de contexto local e global de uma sociedade altamente globalizada.

As aulas de Ana, no geral, ocorriam da seguinte maneira: os estudantes dirigiam-se à quadra e guardavam seus materiais em um espaço destinado para esse fim. Posteriormente, eram orientados a formar um círculo no meio da quadra, onde Ana já os aguardava. Esse aspecto se repetiu em todas as

¹⁰ Utilizou-se a nomenclatura “A” e “B” para nos referirmos, respectivamente, aos estudantes das turmas com maior e menor rendimento escolar. Parâmetro previamente detalhado na metodologia.

¹¹ Os elementos representativos da Cultura Corporal de Movimento são: lutas, jogos, esportes, ginásticas, danças, lutas e conhecimentos específicos do corpo. No que tange aos seus objetivos, temos como tarefa da Educação Física Escolar tematizar os conteúdos em questão, proporcionando aos estudantes vivenciarem essas manifestações da cultura em interface com uma relação autônoma e crítica (Fensterseifer, 2012).

aulas que ocorreram naquele espaço. No intuito de proporcionar uma aula mais inclusiva e educativa, Ana realizava o movimento de partir de esportes adaptados para, em seguida, tratar dos esportes midiáticos – ou apenas permanecia no esporte adaptado.

Primeiramente, era realizada uma contextualização histórica, cultural, política e econômica das práticas que seriam realizadas no dia, assim como o apontamento de marcadores sociais de diferença presentes no interior dessas práticas esportivas, como: disputa de gênero, racismo e capacitismo. Havia um movimento constante de afirmar que o esporte não deveria ser praticado como um fim em si mesmo, mas de maneira crítica e reflexiva (Diário de Campo, 2023). Percebemos que Ana se encontra em uma tentativa contínua de socialização do conteúdo esporte, tratando-o criticamente e vinculando-o a valores de respeito às diversidades e diferenças. Em relação ao esporte, Ana demonstra receios na tematização desse conteúdo, mas indica que é imprescindível o seu trato, como relata no trecho a seguir:

Primeiramente, o esporte é um objeto de estudo da Educação Física, então é um direito dos estudantes se apropriarem desse conhecimento. Eu não posso negar esse conhecimento. Eu não posso negar esse conhecimento, eu tenho que trabalhar de uma perspectiva crítica também nesse conhecimento. A competição não é o eixo central para mim no esporte. (Professora Ana)

Para Ana, o eixo central do esporte não pode ser a competição. Todavia, esse aspecto ia de encontro aos anseios dos jovens estudantes, já que o esporte configurava o momento mais esperado por eles e o mais desafiador para ela. Isso porque Ana reconhecia que se tratava de um momento de grande tensão nas aulas – talvez o maior do ano –, como aponta em sua fala:

É o bimestre que eles mais esperam. É o bimestre que eu falo sobre o esporte. Então assim, é o mais esperado por eles. Mas nós temos aí muitas tensões também. Muitas tensões que acontecem. Mas assim, a recepção é... “nossa, chegou um grande momento”. (Professora Ana)

Ao longo das aulas do objeto de conhecimento esporte, o constante movimento realizado era a tematização de esportes adaptados e os etnoesportes¹², como o *goalball*¹³ e o vôlei sentado¹⁴.

¹² “É a prática das atividades físicas tanto sob a forma de jogos tradicionais específicos e a mimesis que dinamiza estes jogos, quanto sob a forma de adesão ao processo de “mimesis” do esporte global. Em outros termos, é a capacidade de cada povo indígena de adaptar-se aos esportes modernos, sem, contudo, perder sua identidade étnica” (Fassheber, 2006, p. 29).

¹³ Trata-se de uma modalidade esportiva adaptada, idealizada especialmente para pessoas com deficiência visual, que consiste em lançar uma bola pelo chão com auxílio da mão, em direção ao gol adversário, enquanto o adversário tenta bloqueá-la com seu corpo (Souza, 2018).

¹⁴ Diz respeito a um esporte adaptado para pessoas com deficiência física.

Processos de socialização e formação das juventudes na ambiência escolar por via do esporte. Acredita-se que o contato com práticas não convencionais seja de grande valia no processo formativo dos estudantes, já que possibilita o contato com vivências e experiências que normalmente não teriam em suas realidades. Ambas as turmas se apresentaram dispostas a realizar as atividades. Os estudantes da turma B demoravam mais para entrar no ritmo da aula. Por vezes, dispersavam-se, não atendiam às orientações da professora, discutiam entre si, mas com o decorrer da aula, tornavam-se mais participativos (Diário de Campo, 2023).

Já os estudantes da turma A tinham maior facilidade para começar a aula, escutavam atentamente as orientações de Ana e realizavam de prontidão. Entretanto, havia um comportamento que se repetia nas turmas, aproximadamente 20 minutos antes do fim das aulas: a dispersão, seguida do “tempo para brincar”. No intuito de conseguir finalizar a aula, Ana, por vezes, cedia à pressão dos estudantes e permitia que ocasionalmente jogassem nos últimos 10 minutos, caso tivessem sido participativos no decorrer das aulas (Diário de Campo, 2023).

O questionamento que surge nesse momento é se os esportes adaptados conseguem suprir a necessidade de competição e excitação dos estudantes, que comumente possuem um gosto cultural (Bourdieu, 1983b) pela prática do futsal/futebol, responsável pelo fomento extremo de tensão-excitação. Para Dunning (1992a), uma das características centrais do esporte é a imprevisibilidade. Com isso, é necessário existir um equilíbrio na dificuldade presente na realização das práticas esportivas. A dispersão, verificada ao final das aulas, tinha seu quantitativo baseado majoritariamente nos estudantes que queriam jogar futsal – o futsal em questão se trata de uma versão pouco educativa, excludente e violenta, praticado entre os estudantes sem a supervisão dos professores. Acreditamos que a culpa não esteja fundamentada em uma aula pouco atrativa, mas na massificação de práticas esportivas altamente performáticas, isto é, o consumo de suas versões em que a *performance* ultrapassa os limites ordinários.

O movimento de Ana era constante no sentido de orientação e formação dos sujeitos. Antes, durante e ao término de suas aulas, orientava e conversava sobre a necessidade de os estudantes serem inclusivos, respeitosos e pacientes com seus colegas e familiares. Porém, à medida que os jogos internos se aproximavam, os estudantes tinham atitudes mais reativas, eram mais agressivos verbalmente e até mesmo fisicamente. “*Eles têm, essa construção deles é a competição então, essa perspectiva da diversidade, dos valores, do respeito às diferenças, tudo isso é esquecido, entendeu?*” (Professora Ana).

Compreendemos, a partir das falas e observação das aulas de Ana, que a escola é um espaço de constante disputa no sentido da socialização dos valores escolares e de cidadania, em face da

formação provida pela Indústria Cultural. Tal dificuldade pode ser constatada pelo progressivo e constante *ethos* juvenil, ou melhor, o modo de ser jovem altamente influenciado pelo mercado e meio de comunicação. É evidente que a juventude deve ser compreendida como um grupo que está além de simples adjetivações e categorizações, todavia, no intuito de responder a expectativas, ou demandas, de grupos sociais, esses jovens se encontram sujeitos a assumir certas posições, atitudes e valores para se sentirem legitimados dentro desses grupos sociais ou campos (Bourdieu, 2003).

É possível classificar a juventude presente na escola como diversa, ou melhor, “juventudes”; uma caracterização influenciada por fatores como condições sociais, culturais, de gênero e regionais (Dayrell, 2003). A reflexão aqui proposta é a de compreender que esses jovens, que apresentam reações, motivações, falas e atitudes distintas, encontram-se inseridos em um processo mais amplo de socialização e formação. Portanto, é evidente que ocorrerão atritos e embates sempre que a educação escolar entrar em conflito com a formação promovida por seu meio social, pelos meios comunicativos de massa e seu seio familiar.

Para Dayrell (2003), o sujeito é ativo, é produto e processo, é construção constante, ou seja, enquanto ele é influenciado pelas mais diversas instâncias, ele também atua sobre elas, que igualmente operam em seus colegas, professores e demais sujeitos ao seu redor. Dessa maneira, caberia ao professor o papel de constante crítica ao modo de ser empregado pela Indústria Cultural? Isso seria unicamente papel do professor de Educação Física? Ou talvez deveria estar associado ao projeto maior de escola e sociedade, logo, uma ampla ação política?

Ficou evidente que as aulas de Ana possuem uma perspectiva mais crítica e progressista, indo além de um ensino voltado apenas para fins meramente técnicos – embora se reconheça que a Educação Física é uma disciplina escolar caracterizada pela intervenção prática, conforme os dizeres de Bracht (1997, 2019). Então, é fundamental que o movimento tenha sentido e dialogue com questões sociais maiores. Desse modo, em termos de perspectiva pedagógica, é possível afirmar que a forma como Ana conduz o currículo se assemelha à proposta de Soares *et al.* (1992), por abordar e tematizar questões de cunho social.

Já na perspectiva de seu trato particular com o esporte, podemos indicar que sua condução se aproxima de uma perspectiva renovada de tematização do objeto esporte, conforme os escritos de Kunz (1994), que, para além da sobrepujança e comparações objetivas, valoriza e atribui novos valores a essa prática. Acerca da sua orientação pedagógica e concepção curricular, é viável pensar a prática de Ana a partir da perspectiva de um currículo cultural da Educação Física, em consonância

Processos de socialização e formação das juventudes na ambiência escolar por via do esporte com a concepção de Neira (2006, 2018)¹⁵. Por último, no que diz respeito à identificação da professora com a Cultura Corporal de Movimento e sua utilização, é evidente que ela realiza a seleção e tematização crítica das diversas manifestações corporais presentes na sociedade.

Em síntese, foi realizado um diálogo sobre o modo como a professora conduz suas aulas, com destaque para sua metodologia, didática e currículo, e a maneira como visualiza os estudantes dentro de uma categoria inerente às Juventudes. Na próxima categoria, abordaremos a configuração interna dos grupos sociais presentes nas turmas e do modo como ocorrem suas interações, tanto no contexto das aulas curriculares quanto durante os jogos internos.

Interação das juventudes e excitação esportiva

A relação dos estudantes entre si era bastante diversificada: por vezes, estavam em harmonia e, logo em seguida, os atritos iniciavam. Devemos dizer que esses estudantes podem ser classificados em três grupos. Os mais aptos, caracterizados como aqueles que possuem maior predileção pelo esporte, normalmente praticam em seu tempo livre e se agrupam nas aulas. Os neutros, que não possuem grande proximidade com o esporte, não dão importância para a composição de grupos com sujeitos distintos. Por último, há os participativos, que também não manifestam proximidade com as práticas, mas é do interesse deles que todos participem, principalmente aqueles que apresentam alguma dificuldade.

A exacerbação de atitudes, comportamentos e falas nocivas não costuma aparecer quando são tematizados esportes adaptados, diferentemente de quando o conteúdo são esportes midiáticos, como o vôlei e o futsal, especialmente o último. No caso dos esportes adaptados, em ambas as turmas, observamos um claro espírito esportivo, ou *fair-play*, por parte dos estudantes. A lógica seguia caminho contrário na vivência do vôlei e do futsal, em que a exclusão dos que possuíam maior dificuldade ficava evidente. O interessante é que até mesmo os sujeitos de baixo domínio técnico passavam a vez para seus colegas mais habilidosos, objetivando obter a tão sonhada vitória ao fim das atividades.

Para Dunning (1992b), a dinâmica da sociedade moderna tende a ser reproduzida na esfera do esporte. No caso dos esportistas de alto nível, percebemos suas atividades práticas localizadas no âmbito de total seriedade. Enquanto seus treinamentos e materiais são subsidiados por terceiros, esses

¹⁵ “O currículo sociocultural se preocupa com o processo e a forma de produção cultural das diferentes regiões e culturas, a saber: formas de organização social, formas de exploração dos recursos, formas de manifestações religiosas, formas de expressar sentimentos e intenções, enfatizando os aspectos que tenham relação com a cultura motora e com o componente lúdico, histórica e socialmente situados” (Neira, 2006, p. 80).

sujeitos são reféns das projeções de sucesso a que precisam corresponder. Logo, a seriedade é um valor fundante em seu contexto; e na posição que ocupam, é esperado que promovam verdadeiros espetáculos. Poderíamos afirmar que, em algum grau, esse acontecimento também é verificado nas aulas curriculares observadas. Ao passo que os estudantes estão dispostos em situações que simulam um jogo, é esperado que correspondam a uma determinada expectativa social perante seus colegas. São depositados anseios de uma vitória sobre os estudantes que ali se enfrentam, muitas vezes pelos colegas que torcem por eles.

O dia da prática do futsal na turma A ocorreu da seguinte maneira: houve uma ocasião de experimentação do jogo, e as meninas ficaram com esse primeiro momento. Nesse jogo, pela pouca familiaridade com o futsal de algumas estudantes, notamos que, em sua totalidade, o jogo foi mais desprovido de seriedade e, ao mesmo tempo, configurou-se como atividade de grande divertimento para as estudantes. Não sujeitas a corresponder às expectativas das pessoas ali presentes, a experiência pareceu ter sido de qualidade para todas que participaram, pela maneira como saíram da quadra sorrindo e brincando (Diário de Campo, 2023).

Ao longo do jogo dos meninos, os estudantes fizeram várias brincadeiras sobre as dificuldades que alguns dos que jogavam possuíam. No momento de prática do futsal misto, a turma A teve grande dificuldade, por conta da “exclusão” efetivada pelos mais aptos para com os menos aptos, sendo necessária a implementação de estratégias para todos participarem. A tematização do futsal na turma B transcorreu de maneira qualitativa. Conseguimos notar que as questões que estavam presentes na outra turma, como o machismo e a exclusão exacerbada das meninas, não se faziam presentes nas dinâmicas de grupos, já que todos se incluíam. Até mesmo o estudante que notadamente tinha atitudes violentas teve o cuidado e a preocupação de incluir o colega com deficiência, que apresentava dificuldades. Notamos que nessa turma houve menos momentos de tensão extrema e exclusão, talvez por conta de uma menor familiaridade com a prática. Na hora da efetivação do jogo, a turma realizou o futsal misto sem grandes problemas (Diário de Campo, 2023).

Aqui talvez esteja uma grande influência desse fenômeno: enquanto os sujeitos que estão envolvidos na prática esportiva possuem maior predileção, gosto e tendência cultural a praticar o futsal (Bourdieu, 2003), o grau de seriedade progride paralelamente; e, como o caso do jogo das meninas demonstra, o inverso também ocorre. A ocorrência dessa inversão de valores no jogo das meninas talvez se justifique pela razão da não sujeição aos valores comumente atribuídos aos meninos, logo, não existe a necessidade social de se legitimarem nesse espaço. A postura adotada

Processos de socialização e formação das juventudes na ambiência escolar por via do esporte pela professora durante o jogo foi de incentivo aos estudantes, com objetivo de gerar maior empoderamento e aproximação com a prática (Diário de Campo, 2023).

Ao tratarmos dos jogos internos, é preciso realizarmos assunções próprias desse contexto. A escola se transforma em um espaço distinto daquele comumente conhecido pelos estudantes no período de aulas curriculares, devido aos seguintes pontos: os jogos são efetivados após a finalização das aulas curriculares; a escola, por questões culturais, é uma grande incentivadora dos jogos, destinando uma verba de valor significativo para sua realização; são contratados árbitros para as mais diversas modalidades esportivas que serão realizadas no período, como voleibol e futsal; os professores da escola, em especial de Educação Física, têm a responsabilidade de efetivar as demais modalidades esportivas que acontecem.

Por conta de toda essa aclimação, o cenário que se cria na escola remete a uma espécie de “jogos olímpicos” no imaginário estudantil. É evidente que, diferentemente do modelo olímpico, existem diversas adaptações aplicadas no âmbito escolar, como é caso de a vitória ser conquistada unicamente por turmas, e não por sujeitos ou modalidades esportivas¹⁶. Os estudantes se organizam e criam times que os representarão, contando até mesmo com blusas, bandeiras e músicas temáticas. As turmas somente disputam contra outras turmas do mesmo ano. Nesse sentido, o contexto que passa a envolver a escola, de algum modo, manifesta-se de maneira exacerbada para alguns. As tensões começam a surgir quando os valores socializados nas aulas curriculares se encontram em crise. A questão é ponto sensível e de ímpar importância nas falas de Ana:

Eles acabam reproduzindo algo homogeneizado, acabam reproduzindo comportamentos estereotipados sem respeito à diversidade. Então, por isso que eu estou te falando, isso tem muito a ver com a construção da identidade. E essa construção da identidade tem que levar muito em conta essa sociedade de consumo, essa produção cultural nessa sociedade, que essa produção por vezes só te leva para o mais consumo, que só te leva para a perspectiva da competição, entendeu? (Professora Ana).

Podemos considerar que os estudantes estão propensos a manifestar comportamentos mais intensos nos jogos internos. Diante disso, discutiremos o caso do futsal feminino e masculino e de um evento pontual da luta *laamb*. Nos jogos femininos, ficou evidente que a conjuntura provocada pela ambientação, torcida e autocobrança gerou um aumento da seriedade nas estudantes

¹⁶ Nesse modelo, a turma é vencedora na medida em que consegue somar mais pontos em todas as modalidades e atividades oferecidas durante os jogos internos. Assim, não existe a turma campeã no Futsal, no handebol ou em qualquer outra atividade, mas uma única turma que consegue trabalhar em equipe e apresentar regularidade na sua participação nas modalidades esportivas individuais e coletivas.

participantes. As partidas transcorreram dentro do esperado e até com certa consonância com o que era observado nas aulas. Conforme os jogos foram avançando, as tensões aumentavam, principalmente as externas. Os colegas que torciam pelas estudantes em quadra gritavam e batiam tambores cada vez mais, pois era essencial para eles que sua turma conquistasse o título de campeã (Diário de Campo, 2023).

O cenário do último jogo feminino foi o seguinte: turma A, que possuía maior rendimento e participação qualitativa, contra a turma B, que detinha o menor rendimento e participação qualitativa. Era pouco provável que ambas mostrassem comportamento igual ao das aulas curriculares, visto que se tratava de uma final dos jogos internos. Em virtude disso, a tensão presente na quadra chegou a níveis não antes observados, sobretudo em razão da torcida que clamava por vitória (Diário de Campo, 2023).

É curioso notar que até mesmo as meninas que não aparentavam estar sujeitas ou propensas a assumirem posições mais radicais diante da competição, estavam condicionadas a isso, em decorrência do contexto criado ao redor delas. Os jogos internos, os árbitros, os colegas na torcida, a escola ambientada, as medalhas e a possível vitória causaram a assunção do que podemos chamar de um *ethos* competitivo condicional. Compreendemos essa noção como uma série de aspectos esportivos e socioculturais, que condicionam as juventudes a assumirem um modo de ser competitivo exacerbado.

Já o caso verificado nos jogos masculinos possui semelhança em relação ao feminino, o aumento da tensão presente na prática foi notório. Com efeito, é viável dizer que as características manifestadas nos jogos masculinos foram as mesmas, todavia bem mais intensificadas. Questão que pode ser interpretada com a lente cultural, por meio da qual tanto os que estavam em quadra como os que estavam fora expressavam condutas de exacerbação da competição.

É necessário, nesse contexto, que esses sujeitos correspondam às expectativas colocadas sobre suas costas. É devido a essa cobrança que alguns estudantes utilizavam um recurso denominado “violência institucionalizada” (Dunning, 1992a), que são atos violentos utilizados estrategicamente, visando obter vantagem sobre os adversários, impedindo a progressão, avanços e possíveis cenários de maior desvantagem para os que se utilizavam desse artifício. Por vezes, essa ferramenta é utilizada de maneira pontual, podendo até mesmo ser aceita socialmente. Porém, a situação é outra quando o seu sentido é subvertido e deixa de ser institucionalizada para ser algo não legitimado, como foi o caso ocorrido na realização da luta *laamb*.

Processos de socialização e formação das juventudes na ambiência escolar por via do esporte

Na situação em questão, um estudante, durante o combate controlado com seu colega em um tatame e sob supervisão de professores, deixou-se levar pelo que denominamos *ethos* competitivo condicional e aplicou força indevida sobre seu colega. Por conta do ocorrido, sua participação foi cancelada nos jogos, sua turma penalizada e ele foi devidamente orientado a respeito do ocorrido. Nesse sentido, a questão que paira no ar neste momento é a de questionar o sentido e o valor pedagógico de determinados eventos no interior da escola. Afinal, a serviço de quem, para quem e qual finalidade certos acontecimentos perduram no interior das instituições escolares? Se é necessário pensarmos a transformação social da Educação Física ao longo da história, é de igual importância continuarmos refletindo sobre os sentidos, significados e instrumentos utilizados por ela, bem como sua legitimidade ou não com o projeto de Educação Física que perspectivamos.

Considerações finais

A presente pesquisa teve como objeto compreender os processos de socialização e formação das juventudes na ambiência escolar por via do esporte. Realizamos o percurso de recapitulação histórica da gênese do esporte, sua delimitação conceitual, que é notadamente uma prática com normas, regulamentações e regras. Discutimos também o seu processo de massificação na instituição escolar. A quarta seção deste trabalho ficou destinada à discussão central do estudo, espaço de apresentação e interpretação da realidade, subdividindo-a em duas subseções, que são as categorias elencadas à Professora Ana e aos estudantes, respectivamente. Foi opção dos pesquisadores debaterem as categorias destinadas a ambos os sujeitos dentro de eixos que as englobassem.

Neste momento, gostaríamos de retomar os nossos objetivos específicos do estudo, que são: 1) interpretar a recepção e construção social do esporte em dinâmicas juvenis na escola pública; 2) analisar o trato pedagógico e a recepção de conhecimentos sobre o esporte em aulas de Educação Física com estudantes do 9º ano do ensino fundamental de uma escola pública de Belém (PA). Tendo em vista a exposição do modo como são tratados esses objetivos no processo investigativo, apresentaremos duas principais sentenças de resultados que vão detalhar, sobretudo, a recepção do esporte no contexto estudado e os dilemas do seu trato pedagógico conduzido pela professora:

1. A professora Ana tem sua atuação docente orientada por documentos normativos, todavia realiza o constante esforço de reconstruí-lo, dentro do possível, de maneira crítica. Dialoga com a Cultura Corporal de Movimento, no sentido de buscar subsídios para compreender a sociedade globalizada em que vive e realizar a transposição das problemáticas globais e locais. A respeito do modo de tematização do objeto esporte, sinalizamos que foi realizado de maneira renovada,

atribuindo novos valores a essa prática corporal. Sua compreensão e condução curricular a aproximam do chamado Currículo Cultural da Educação Física. Ana reconhece o desafio que permeia a tematização do objeto e fenômeno esporte na escola, mas afirma ser direito dos estudantes e seu dever realizar essa tarefa, baseando-se na possibilidade de vivência do objeto, no respeito à diversidade e na não centralização da competição.

2. Os estudantes evidentemente têm uma mudança de comportamento quando se trata do esporte midiático, a dizer: vôlei e futsal, especialmente o último. Por vezes, esse comportamento é de companheirismo, ajuda e suporte ao colega; em outros momentos, apresentam atitudes que se afastam em grande medida desses princípios. Ficou claro que a dinâmica proporcionada pela experimentação do esporte, por conta da possibilidade da obtenção da vitória, coloca-os em uma constante tensão-excitação em busca dela – fato intensificado pela apreciação cultural de determinados esportes, notadamente verificada nos meninos. Já no contexto dos jogos internos, é explícito que toda a ambientação escolar produzida, em razão das medalhas, árbitros, times, colegas de torcida e possível vitória, causa nos estudantes um *ethos* competitivo condicional.

Para a realização de tal empreendimento, utilizamo-nos de estudos bibliográficos, pensados a partir de eixos que pudessem fornecer subsídios satisfatórios para realizar a decodificação e interpretação dos dados provenientes da realidade. Acerca dos avanços verificados na presente pesquisa, podemos destacar o trato crítico-reflexivo com o conteúdo esporte por parte de uma professora da Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará. Os estudantes necessitam ser analisados em seus contextos, dado que as juventudes, como o termo indica, são diversas. O conteúdo esporte intensifica os comportamentos competitivos e violentos desses sujeitos, sobretudo no contexto dos jogos internos. A ambientação escolar, associada ao vislumbre da vitória, possibilita o surgimento do que chamamos de *ethos* competitivo condicional. Dessa maneira, cabe a nós questionarmos o sentido de determinadas manifestações e símbolos no interior da escola.

No que tange aos limites reconhecidos no presente trabalho, apontamos que a ausência de dados produzidos com outros sujeitos da escola talvez possa ter diminuído a potencialidade existente nesta pesquisa. De igual modo, indicamos a falta de instrumentos que avaliassem as expectativas e anseios dos estudantes no período que antecede a tematização do esporte e dos jogos internos. Tais acontecimentos efetivaram-se em decorrência da inexperiência de um dos autores com esse tipo de trabalho científico. Nesse sentido, procurar estudos que buscassem compreender mais analiticamente o acontecimento que denominamos de *ethos* competitivo condicional seria de grande valia para o

Processos de socialização e formação das juventudes na ambiência escolar por via do esporte campo da Educação Física Escolar, tendo em vista que, muito provavelmente, esse acontecimento deve se repetir em diferentes graus nas demais instituições escolares ao redor do Brasil.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2016.

BOURDIEU, Pierre. A “juventude” é só uma palavra. In: BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Lisboa: Fim de Século, 2003. p. 151-163.

BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo? In: BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 136-153a.

BOURDIEU, Pierre. Programas para uma sociologia do esporte. In: BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 209-221

BRACHT, Valter. **A educação física escolar no Brasil**: o que ela vem sendo e o que ela pode ser (elementos de uma teoria pedagógica da educação física). Ijuí: Ed. Unijuí, 2019.

BRACHT, Valter. **Educação Física e Aprendizagem Social**. 2 ed. Porto Alegre: Magister, 1997.

BRACHT, Valter. **Sociologia Crítica do Esporte**: uma introdução. 3 ed. Ijuí: Unijuí, 2005.

CARDOSO, Julio Cesar da Silva. **Diário de campo**. Belém: 2023.

CARDOSO, Julio Cesar da Silva; FURTADO, Renan Santos. Do modelo clássico de esportivização ao caso do MMA: implicações para a Educação Física escolar. **Cadernos do Aplicação**, Porto Alegre, v. 36, 2023.

DAOLIO, Jocimar. **Educação Física Brasileira**: autores e atores da década de 1980. São Paulo: Editora Papirus, 1998.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista brasileira de educação**, n. 24, p. 40-52, 2003.

DUNNING, Eric. “Figurando” o esporte moderno: algumas reflexões sobre esporte, violência e civilização com referência especial ao futebol. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 42, n. 1, jan./jun., 2011, p. 11-26.

DUNNING, Eric. A dinâmica do desporto moderno: notas sobre a luta pelos resultados e o significado social do desporto. In: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A Busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1992. p. 299-325a.

DUNNING, Eric. As ligações sociais e a violência no desporto. In: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A Busca da Excitação**. Lisboa, Difel, 1992. p. 327-355b.

ELIAS, Norbert. Introdução. In: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A Busca da Excitação**. Lisboa, Difel, 1992. p. 39-99.

ELIAS, Norbert. **Introdução à Sociologia**. Lisboa, Edições 70, 2008.

FASSHEBER, José Ronaldo Mendonça. **Etno-Desporto Indígena**: Contribuições da Antropologia Social a Partir da Experiência Entre os Kaingang. 170 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. O que significa aprender no âmbito da cultura corporal de movimento. **Atos de pesquisa em educação**, v. 7, n. 2, p. 320-328, 2012.

FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo; GONZÁLEZ, Fernando Jaime. Educação Física escolar: a difícil e incontornável relação teoria e prática. **Motrivivência**, n. 28, p. 27-37, 2007.

FURTADO, Renan Santos. Um estudo sobre os usos teóricos do conceito de esportivização na Educação Física e na Sociologia do Esporte. **Movimento**, [S. l.], v. 31, p. e31006, 2025.

FURTADO, Renan Santos; BORGES, Carlos Nazareno Ferreira. A condição esportiva. **Educação**, [S. l.], v. 44, p. e81/ 1–23, 2019.

HELAL, Ronaldo. **O que é sociologia do esporte**. São Paulo: Editora brasiliense, 1990.

KUNZ, Eleanor. **Transformações Didático-Pedagógicas do Esporte**. Ijuí: Unijuí, 1994.

MACHADO, Thiago da Silva; BRACHT, Valter. O impacto do movimento renovador da Educação Física nas identidades docentes: uma leitura a partir da “teoria do reconhecimento” de Axel Honneth. **Movimento**, v. 22, n. 3, p. 849-860, 2016.

MEDINA, João Paulo Subirrá. **Educação Física cuida do corpo e “mente”**. São Paulo: Papirus Editora, 1983.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 29. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

NEIRA, Marcos Garcia. O currículo cultural da Educação Física: pressupostos, princípios e orientações didáticas. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v.16, n.1, p. 4 – 28 jan./mar.2018.

NEIRA, Marcos Garcia. O currículo multicultural da Educação Física: uma alternativa ao neoliberalismo 1 “O currículo multicultural da Educação Física”. **Revista Mackenzie de educação física e esporte**, v. 5, n. 2, 2006.

OLIVEIRA, Vitor Marinha de. **O que é Educação Física?** São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

ORTIZ, Renato (org.). Bourdieu, Pierre. **Sociologia**. São Paulo: Ática. Coleção Grandes Cientistas Sociais, v. 39. p. 82-121, 1983b.

Processos de socialização e formação das juventudes na ambiência escolar por via do esporte

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 24. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2016.

SOARES, Carmen Lúcia *et al.* **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

SOUZA, Luiza Parra Spagnuolo de. **Goalball**: Uma Revisão da Literatura. 41 f. Monografia. (Curso de Graduação em Ciências) – Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2018.

STIGGER, Marco Paulo. **Educação Física, Esporte e Diversidade**. 2 ed. Campinas: Coleção Educação Física e Esportes, 2011.



Os direitos de licenciamento utilizados pela revista Educação em Foco é a licença *Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International* (CC BY-NC-SA 4.0)

Recebido em: 24/10/2024

Aprovado em: 22/07/2025